

ANNO IX
NUMERO 204



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

— * Modelos exclusivos * —

Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

A ARTE MUSICAL
Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

LISBOA

Praça dos Restauradores
43 A 49

Composto e impresso
na Typ. do ANUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 27

Proprietario e director
Michel'angelo Lambertini

SUMMARIO: — Paul Delmet — O «Bis» — Os Orpheons Populares — Notas Vagas — Concertos — Noticiario — Caricatura.

Paul Delmet

Ha em Paris um *cabaret*, que quasi todos os estrangeiros visitam e que se chama o *Chat Noir*. Nada tem que vêr com o seu defunto (?) homonymo de Lisboa, a não ser por, n'um e n'outro, correr a cerveja a jorros...; e mesmo assim pode muito bem dar-se que os taes jorros, na loja da rua do Alecrim, não passem d'uma figura rethorica um pouco descabellada.

No *Chat Noir* parisiense envolve-nos uma atmosphera de arte e de bohemia alegre. Os lindos frescos de Vilette, que adornam a sala terrea e a espirituosa apothose do deus lar da casa, o Gato, dispõe logo bem o visitante e convidam-o gentilmente a demorar se. Subindo uma escada, em cujas paredes se espalham aguarellas e desenhos de mestre, chegamos a uma vasta sala, armada em theatro, onde logo nos chama a attenção uma soberba tela, *O Suicidio de Pierrot*, firmada tambem por Vilette e extraordinaria de humorismo e fantasia.

Na cimalha dos lambris destacam-se autographos de homens illustres na arte e na poesia; no tecto e nas paredes opulentas decorações e artisticos desenhos...

No theatro do *Chat Noir* o espectáculo é, como se pode suppôr, leve e desprezencioso, mas não descamba nas vergonhas artisticas que por cá temos presenciado em tentativas similares.

Foi ahi que se ouviu Mac-Nab e Fragerolle e Paul Delmet. Foi ahi que este ultimo compoz e cantou centenares de vezes o seu *Joli Mai*, cujo exito chegou até este cantinho da Europa, e outras canções delicadas que cá não vieram, como *Le Petit Chagrin*, *Les Choux*, etc.

Depois transferiu a sua galante Musa para outros *cabarets* de Montmartre e do Bairro Latino: — *Le Chien*

noir, *Le Carillon*, *La Boite à Fursy*, *Les Quatre-z-Arts*, *Le Grillon*.

Foi sempre compondo, no seu genero favorito, uma infinidade de lindas coisas, reunindo muitas d'ellas em volume, como *Les Chansons tendres*, que são deliciosas como composição e como edição. Fora d'esse genero, abordou por vezes alguns trabalhos de maior



envergadura — uma pantomima, *L'Avare et son tresor*, uma opereta, *Vieux marcheurs*, um conto lyrico, *Pour la lune*.

Um dia veiu a doença, veiu a perda da voz. Fez-se gravador de musica (1).

No *atelier* de Perrin, conhecido impressor parisiense, deixou-se seduzir pelos encantos de uma joven operaria, com quem se desposou e que lhe foi companheira dedicada e terna até aos ultimos momentos da vida.

Mas agora reparamos... Quizemos fazer uma biographia (?) e nem ao menos puzemos uma data!

Pois ahí vão duas. Nasceu em 1862 e morreu em 1904.

O «BIS»

Satisfazendo ao pedido de v. tenho a dizer que em absoluto condemno o uso do *bis* principalmente no theatro, em que a acção fica interrompida, e o effeito scenico nullo.

No concerto, e sobre tudo em trechos leves, poderei admitti-lo, mas *muito raras vezes*, porque considerando o *bis* anti esthetico, parece-me que é impossivel na segunda vez, ter a primitiva pureza de interpretação, como demanda a cultura da verdadeira Arte de Beethoven.

Lisboa, maio 1907.

ANTONIO THOMAZ DE LIMA.

*

Respondendo ao cartão de v. sobre o uso do *bis*, direi:

Deve manter-se com as seguintes restricções; nos dramas musicaes unicamente para os Preludios ou Aberturas, nas operas italianas ou d'esse talhe, para qualquer trecho, nas obras de Camara (sonatas, quartettos, trios, etc.) nunca para um andamento solto, mas só para o trecho inteiro, para não destruir na audiçãõ o equilibrio das partes no conjuncto. Em todos os casos restantes *ad libitum*.

JOSÉ JULIO RODRIGUES.

*

O facto do publico pedir (ou exigir) a repetiçãõ de qualquer trecho musical, é uso de origem não muito remota e de vida talvez

(1, Em um dos numeros da elegante revista parisiense *Musica* ha um artigo de Paul Delmet, profusamente illustrado, em que o celebre *chansonnier* descreve curiosas particularidades da sua nova profissãõ.

não muito longa; está hoje condemnado e quasi banido nos centros mais refinadamente artisticos.

Todas as pessoas de bom senso dariam d'elle prova empregando os meios ao seu alcance para tambem entre nós se pôr termo a uso tão racionalmente condemnavel, pelo menos quando degenera em abuso e sobretudo quando assume o caracter de impertinencia. N'este ultimo caso, pôr o chapêu na cabeça e sair da sala não seria cortez, mas era bem merecido.

A, já velha, moda do *bis*, teve porém agora uma utilidade inesperada: dar assumpto para os optimos artigos de Antonio Arroyo, Gomes de Brito, Vianna da Motta e outros. Se aquelles meus bons amigos *bisassem* o thema bordando-o de novas variações, estou que ninguém se enfadaria e com isso dariam mais um regalo á *Arte Musical* (no duplo sentido)

Só em tal caso eu approvaria o *bis*; em todos os outros: **R.**

ERNESTO VIEIRA.

P. S. — Não se confunda porém o *bis* com a amabilidade dos artistas entusiasticamente applaudidos, que no fim do concerto, depois de integralmente cumprido o programma, se sentam de novo ao piano ou empunham o violino e executam novos trechos — *hors d'oeuvre* — para testemunharem por esta forma o seu reconhecimento pelos applausos. Estão no seu direito, e usando-o aquecem até ao rubro o entusiasmo dos insaciaveis; pela sua parte os saciados que tenham pressa de chegar a Valle de Lençoes, retiram-se sem commetter desprimor que os torne apontados.

Mas isto não é *bis* nem coisa que se lhe pareça. Não sei se percebem... como diz o Caturra-mór do reino.

E. V.

Os orpheons populares

Já temos aqui prégado mais de uma vez a necessidade, que começa a ser imperiosa, de crear em Portugal os orpheons populares, como meio de morigeraçãõ para o povo e levantamento do nosso nivel artistico e social.

No tocante a Lisboa e visinhanças, onde clero, nobreza e povo não logram positivamente um momento de descanso, n'este rodopio de theatros, concertos e diversões de toda a especie, não ha pensar na creaçãõ de orpheons populares; é quasi uma utopia, que já não esperamos vêr realisada.

Na provincia o caso é differente. As diver-

sões não abundam, os domingos e dias santos são geralmente guardados e, sobre essas vantagens materiaes, que são outras tantas facilitações para a realisação d'um tal *desideratum*, ha a contar-se com o instincto musical do povo, que é por via de regra mais afinado e malleavel, e não está sobretudo prostituido pela zarzuela *chica*, pela philarmonica reles e pelo realejo dos animatographos.

O que falta geralmente na provincia é o *agitadôr* — o homem de pulso e de vontade que reuna em volta de si o preciso grupo, e que o saiba conservar, disciplinado e uno. Que tenha auctoridade como chefe e verdadeira sciencia como musico. Que reuna a uma paciencia de evangelista, uma força moral inatacavel e um largo conhecimento da sua arte.



Dr. Pulido Garcia

Ha-os d'essa tempera e com essa auctoridade, mas não são muitos. E entre esses cabe decerto um logar proeminente ao dr. Domingos Pulido Garcia, de Serpa, um nervoso feito d'aço em todas as suas peças, strenuo propagandista do orpheon popular e

amadôr distincto entre os distinctos, de quem já temos falado aqui por vezes com merecido louvôr.

Pulido Garcia, que vem ha annos trabalhando com enthusiasmo pela criação de um grande grupo coral, conseguiu finalmente o seu empenho, organisando um orpheon de cem vozes, formado exclusivamente de rapazes do povo, e que vae apresentar-se publicamente pela primeira vez no proximo dia 24 (dia de S. João), em uma grande festival ao ar livre.

Devemos accrescentar que entre as obras que o novo orpheon fará ouvir, contam-se a Barcarola da *Marina* de Arrieta, o *Notturmo* de Denza, a melodia napolitana *Perchè* e varios cantos populares alemtejanos, harmonizados a tres vozes.

Eis uma iniciativa que nos enche de enthusiasmo e que merece o applauso de todos os que amam o seu paiz e sabem vêr em taes manifestações o alcance educativo que os reveste e o largo movimento d'arte que representam.

Prouvera a Deus que em todas as provincias do paiz se levasse a cabo um empreendimento analogo!



CARTAS A UMA SENHORA

100.^a

De Lisboa.

Não, não a entristecerei hoje com coisas baixas da politica, com coisas miseradas da existencia, e em meio da persistente melancolia que me domina, porei um parenthese de luz dentro do qual verá erguer-se, diamantino e bello, o livro de Antonio Corrêa de Oliveira, *Tentações de S. Frei Gil*.

Seria injustiça grave perguntar-lhe se conhece Antonio Corrêa de Oliveira, que é aquelle privilegiado auctor do *Auto do fim do Dia* e do *Allivio de Tristes*, de que me parece haver-lhe falado, e mais da *Ara* e das *Parabolas*, da *Raiz* e das *Cantigas* que, ai de mim, deixei passar em silencio, por trazer então o espirito a incommensuravel distancia d'esses divinos sonhos de belleza, corporisados em formosas obras d'arte, com que o moço poeta quiz honrar-se e honrar-nos.

Como quer porém, que não houvessemos trocado impressões ácerca d'esta ultima manifestação do querido lyrico, venho eu comunicar-lhe as minhas, e de certo nenhuma novidade lhe darei, dizendo-lhe que saí d'essa leitura com a alma cheia de claridade e o coração cheio de reconhecimento.

Sómente, porque timbro em ser sincero e Corrêa d'Oliveira deve desadorar lisonjas, duas reservas farei desde já ao seu aliás delicioso livro; uma d'ellas, confesso-o antecipadamente, intende com a minha idiosyncrasia pessoal, se assim me é licito exprimir-me, e diz respeito ao verso branco ou solto em que toda a obra está escrita, verso que eu cordialmente detesto, embora não desconheça alguns dos incontestaveis primores que n'essa fórma existem na linda lingua que ambos falamos.

A outra respeita em especial ao titulo, porque em consciencia acho que o Santo pouco tem a ver com as em todo o caso formosissimas e transcendentis tiradas que enxameiam pelas paginas do livro.

Mesmo sob o nome de tentações, quero crer que nunca, em Roma, canonisariam o invocado S. Frei Gil, se elle houvesse philosophado em vida com aquella elevação de idéas, e aquelle desassombro de conceitos, que o auctor amavelmente lhe emprestou.

Não, este aspirante ao agiologio christão que Corrêa de Oliveira vincou em traços de notavel independencia e de accentuada indi-

vidualidade, é simplesmente um santo que a imaginação ardente e opulenta do poeta amorosamente fabricou e depois vestiu com a lhama d'ouro das suas imagens, e quem nos fala e nos desenrola aquellas deslumbrantes paisagens interiores d'um riquissimo *eu* é propriamente o poeta, e o Santo entra ali — apenas para melhor ordenação do scenario...

Eu bem sei que não só o auctor das *Tentações*, mas tambem V. Ex.^a e ainda quem notasse este meu modo de pensar, poderia, n'um segundo, esmagar a minha ignorancia citando-me, entre outros, o grande S. Boaventura, o enorme Santo Thomaz, o não menos colossal S. Paulo, não esquecendo por fim o profundo Santo Agostinho.

Mas repare V. Ex.^a que todos esses doutores da Igreja são incomparavelmente assombrosos em materia que propriamente se prende com assumptos theologicos ou com questões de isagoge e de apologetica, ao passo que o S. Frei Gil do meu sympathico amigo Corrêa de Oliveira discorre por vezes como um intellectual do seculo xx, e sobre materias que a nós de certo muito interessam mas que a elle deveriam ser de todo estranhas, e no seu pantheismo encantador e perturbante, não raro deixa o dogma assás escalavrado e contundido.

São isso acaso as chamadas tentações? serão. Por mim fico suppondo que para um Santo antigo essas tentações revestiriam diverso aspecto e encarnar-se-iam em outros symbolos.

Postas, porém, de lado estas minusculas restricções minhas, e assente para o meu ponto de vista que a figura de S. Frei Gil é a figura mesma do poeta, sinto o maior prazer em declarar que desde a genese até á tentação da vida, passando pela tentação do Amor e da Morte, a cada passo os nossos olhos se demoram embevecidos na contemplação de bem formosos trechos onde as comparações felizes, e do mais fino toque d'arte e de gosto, nos deixam admirar uma riquissima organização poetica, que sendo sobria nos processos, é inexgotavel nos desenhos. Além de que nos apparece simples sem cair no banal.

Tenho o meu exemplar cheio de phrases sublinhadas, que reputo achados preciosos, flagrantes de côr propria e de verdade intensa, e produzindo os mais bellos, os mais ricos effeitos que podem pedir se á linguagem. Junte a esta musica formal dos rythmos a musica interior das idéas, a miude da mais alta envergadura psicologica e da mais justa notação scientifica, e terá um reflexo de que é o livro de Antonio Corrêa de Oliveira.

Leia V. Ex.^a o seguinte subtil conceito:

Na vida pelo Amor todas as almas
Batem azas divinas igualando-se

Ou este:

As arvores serão visões extaticas
Os rios hão de ser visões andantes

ou este em que o santo diz ser a voz do pensamento o verbo do Universo extravasando-se em palavras

Como o verbo occultissimo das aguas
Transbordando em palavras insoffridas
Da bocca inconsciente d'uma fonte...

ou ainda este, em que os reptis, olhando o ceu, e vendo-o bello e livre, sentem

Uma saudade, uma tristeza, um intimo
Desejo de voar — que em ser desejo
É já como que um vôo da nossa alma...

E advirta que não posso já transcrever muito mais, mas sempre quero dar-lhe este trecho de dois noivos:

Que estranha natureza tem os beijos!
Os beijos mudos são os que mais falam;
Os longos beijos os que duram menos,
Pois passa o tempo sem se dar por elle...

e para concluir, esta definição da vida:

A vida é condensar n'uma só lagrima
O tumulto oceanico das ondas.

Aqui tem, levemente folheado, este livro que mereceria um largo estudo, pela somma de profundas e perturbantes clareiras de que está cheio, pela porção de superior belleza com que foi concebido e realisado, e ainda pela grata esperanza que o seu auctor nos dá de vir em breve a mergulhar no tempestuoso mas tão attrahente conflicto moderno, onde um poeta de raiz como elle é, tantas perolas poderá vir a desentranhar do fundo limoso onde ellas se occultam...

Apenas, se me fosse permitido formular um pedido, pedir-lhe-ia eu que voltasse ao verso rimado, porque emfim a rima não é uma simples ecolalia como inscientemente insinuam certos *scientistas*, e accrescenta brilho á forma e dá sonoridade e ondulação ao pensamento...

Algumas vezes tenho ouvido censurar a moderna camada dos poetas que de preferencia se voltam para o passado e parece ignorarem o presente e temerem o futuro,

Afigura-se-me que Corrêa de Oliveira não pertence precisamente a esse numero porque em mais de uma producção sua denota não lhe serem estranhas as preoccupações do momento que atravessamos.

Nada mais se torna preciso averiguar, e todos poderemos nutrir a certeza de que n'elle encontrará Corrêa de Oliveira inspiração que baste para ainda mais constellar seu nome, que todavia é já um nome illustre e festejado.

V. Ex.^a, minha boa amiga, terá mais um santo para a capella intima dos seus Poetas, e a arte contemporanea portugueza verá com desvanecimento o desdobrar de novos horizontes.

Quanto a mim, se ainda cá estiver, com sincero alvoroço agitarei a minha modesta campainha, a chamar a attenção d'aquelles infieis que por desgraça não ouçam os grandes sinos...

AFFONSO VARGAS.



30 de maio. — Sessão de alumnas da distincta professora Lucila Moreira, muito vantajosamente conhecida no nosso meio musical, como excellente educadora de piano. A audição teve logar no Salão Sasseti e mereceu repetidos applausos pela maneira correcta como todos os alumnos se houveram.

No mesmo dia effectuou-se no salão do *Grande Club de Lisboa* um concerto offerecido pelo *Grupo Artistico Musical Portuguez*, que suppomos de recente fundação ou pelo menos de recente reorganisação. O grupo, dirigido pelo sr. Daniel Lacueva, executou arreglos das operas *Propheta* e *Fedora*, zarzuela *Caramelo*, etc. Não fomos convidados.

31 de maio. — Sessão musical muito interessante em casa da illustre amadora, D. Adelaide Lima Cruz. Além d'esta senhora, que é uma das nossas mais distinctas cantoras, tomaram parte varias pianistas, tocando obras de Chopin.

1 de junho. — Nova audição de alumnos da *Real Academia de Amadores*, que como sempre, se apresentaram distinctamente, enaltecendo o ensino ali ministrado por professores dos mais illustres, como são D. Adelaide Sanguinetti, Wendling, Hernani Braga, Thomaz Borba, Cunha e Silva, etc.

Como musica de conjuncto, executou-se um andamento de um *Trio* de Mozart e alguns coros orpheonicos.

Nos solos devem citar-se as irmãs Casaes

de la Rosa, D. Margarida e D. Camilla, que na romanza *Torna* enthusiasmaram o auditorio.

O concerto d'alumnos de canto do professor Roncagli, effectuado no Porto na mesma data, foi tambem muito brilhante, no dizer dos jornaes portuenses que temos á vista. Entre os discipulos do notavel *maestro* contava-se sua propria filha, D. Margarida, que parece ter uma verdadeira vocação d'artista, e foi muito festejada.

2 de junho. — Duas audições tambem n'este dia, e ambas de alumnos.

Uma de alguns discipulos de D. Adelaide Sanguinetti, D. Adelia Heinz e Julio Cardona, realisou se no Salão do Conservatorio e foi ao que nos dizem, extremamente lisongeira para os creditos, já de ha muito firmados, d'esses tres illustres musicos.

A outra, a que tambem infelizmente não pudémos assistir, effectuou-se no Salão Sasseti e foi particularmente honrosa para a sua promotora a sr.^a D. Julieta Hirsch Penha, que viu larga e merecidamente applaudidas muitas das suas discipulas de canto.

Desde as que tem ainda poucos mezes de estudo, como D. Laura Negrão, até ás mais adeantadas do curso, como D. Alice Veiga e D. Irene Esquiroz, todas as alumnas do *Madame Penha* deram irrefutaveis provas de quanto vale o ensino d'esta distincta vocalista, que é hoje uma das mais apreciadas no nosso pequeno meio musical.

A todos esses professores as nossas felicitações e os nossos agradecimentos pelo convite que amavelmente nos mandaram.

8 de junho. — Primeira apresentação do grupo de que fazem parte Theophilo de Russell, pianista, Luiz Barbosa, violinista e Manoel Silva, violoncellista, tendo por director o conhecido e apreciado *maestro* Manoel Benjamim.

Esta revista sempre prompta a patrocinar todas as iniciativas tendentes a propagar o gosto da musica séria entre nós, felicita os organizadores d'essa empreza, desejando que vejam coroados de bom exito as suas diligencias e boa vontade.

O programma constou do *Trio* op. I de Beethoven para piano, violino e violoncello; *Sonata* op. 8 de Rubinstein para piano e violoncello; *Concerto* op. 31 de Vieuxtemps para violino com acompanhamento de piano e do *Concerto* op. 25 de Mendelssohn para piano com acompanhamento de quinteto dobrado.

Em todas estas peças os executantes revelaram qualidades muito apreciaveis, sendo de esperar que, proseguindo com tenacidade e boa orientação artistica, consigam o bom acolhimento do publico, que já na primeira sessão lhe manifestou a sua sympathia.

Agradecendo ao joven poeta Carlos Cilia de Lemos o amavel offerecimento das, cremos, suas primicias litterarias, reunidas n'um elegante volume a que poz o titulo de Livro de Dôr, tomamos a liberdade de transcrever para as columnas da Arte Musical os dois seguintes sonetos.

Musica e poesia são duas irmãs gêmeas e os echos d'uma prolongam-se nas resonancias da outra, ou antes, musica e poesia são a irradiação d'uma mesma luz, embora partindo de dois focos distinctos.

Estava pois indicado que n'estas paginas onde se presta culto á primeira, haja sempre um logar para a segunda.

SONATA

Uma sonata triste e vagarosa
De andamentos pesados e soturnos,
Faz lembrar um pedaço d'uma rosa
Desfeita em meio de trovões noturnos.

Uma sonata triste e apaixonada
Gemida pelas mãos d'um grande Artista,
Faz-me lembrar a Vida desgraçada
D'uns ólhos de côr branca, já sem vista.

Uma sonata triste de Chopin
Tocada com paixão n'uma manhã
Faz-me lembrar um grande d.sgraçado.

Cada nota um pedaço d'uma Vida,
Talvez amargurada e dolorida,
Cada andamento um pouco do passado.

Ultimo esforço

As notas do meu pobre violoncello,
São queixumes, são lagrimas cortantes.
Desfez-se tão depressa um sonho bello
Que unia para sempre dois amantes !

As notas do meu pobre violoncello
São uns queixumes vagos e sumidos.
Ó luz da minha vida, ó rosto bello
Que me fizeste dar passos perdidos . . .

Perpassa n'um nocturno de Chopin
Um pouco da minha alma entristecida,
Um levantar de Sol, uma manhã.

E é quando eu toco paginas divinas
Que vejo que ainda tenho alguma vida
Que quer beijar duas faces peregrinas . . .



PORTUGAL

Foi nomeado professor auxiliar da aula de piano do Real Conservatorio de Lisboa o sr. Angelo Barata.

*

De bordo do *Ortega* recebemos uma encantadora carta de Vianna da Motta em que nos communica optimas impressões da viagem e recorda ao mesmo tempo com infinita alegria o grande exito dos concertos de Lisboa.

Esperamos que o não tenha menor na America, onde já estará a esta hora, em companhia do notavel artista portuense Bernardo Moreira de Sá.

*

Foi pedida em casamento, pela sr.^a D. Leocadia da Guerra Quaresma de Proença Vieira, para seu filho Carlos da Guerra Quaresma Marin, a sr.^a D. Bertha Daupias, filha de mr. e madame Frederico Daupias.

*

Vae ser aberto concurso para provimento de dois logares de capellães-cantores da Sé de Lisboa.

*

Por generosa resolução do nosso amigo e illustre homem de letras, sr. Alfredo Pinto (Sacavem), todo o producto da venda do seu libreto da *Moabita* é destinado á *Caixa de Socorro a Musicos Pobres*.

*

Recebemos a visita do notavel pianista portuguez, Alfredo Napoleão dos Santos, que como dissemos vem fixar residencia em Lisboa.

Seja bem vindo.

*

Consta que um dos nossos mais prestimosos artistas, o professor Julio Taborda, imaginou um instrumento que pode vir a ser de grande alcance para as orquestras.

Trata-se de uma harpa de teclado, que per-

mittirá a qualquer pianista executar as partes de harpa, sem haver mister de um artista especial, sempre mais ou menos difficil de obter.

A seu tempo e com auctorisação do talentoso inventor, daremos mais detalhada noticia d'esta interessante inovação.

*

Está justo e realisa-se muito breve o casamento do illustre violinista hespanhol D. Pedro Blanch com a sr.^a D. Arminda Moraes Palmeiro, gentilissima filha do distincto violoncellista e director do sexteto do Gymnasio.

*

A *Moabita*, a que nos referimos largamente no numero anterior, deve ser cantada no dia 20, em concerto da *Schola Cantorum*.

ESTRANGEIRO

A *Guida pratica teatrale d'Italia*, que nos foi enviada pelo seu auctor, Cesare Dalmas, é um repositorio completissimo de todos os nomes que por qualquer forma estão ligados á historia contemporanea do theatro italiano.

Desde os membros da direcção das Bellas Artes até aos scenographos, adrecistas, *costumiers*, etc., todos ali tem o seu nome e morada.

Comprehende-se d'ahi a utilidade do livro e a vantagem que haveria em haver um identico em cada paiz.

Agradecemos a offerta.

*

Do nosso querido amigo Victor Mahillon, de Bruxellas, recebemos mais uma das suas preciosas monographias sobre instrumentos.

Esta occupa-se da trompa, tratando largamente da sua historia, theoria e construcção.

A maneira como esse complexo assumpto está tratado mostra mais uma vez o alto valor scientifico do infatigavel conservador do Museu de Bruxellas, a quem agradecemos a amabilidade da offerta.

*

Lembram-se do insuccesso do *Salão Perosi*, que foi organizado em uma antiga capella de Milão, para servir á execução das oratorias do famoso mestre da Capella Sixtina?

Pois Perosi não desanimou com esse fiasco e está tratando de fundar na Praça Pia um novo salão com igual destino e que poderá conter um milhar de espectadores.

A nova sala já está em construcção



A fazer das tripas coração...



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334, RUE ST HONORÉ.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

LOUIS REHEAD

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doencas do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: — Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Praça dos Restauradores

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, S

AGENTES EM .. }
Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Wagemakere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

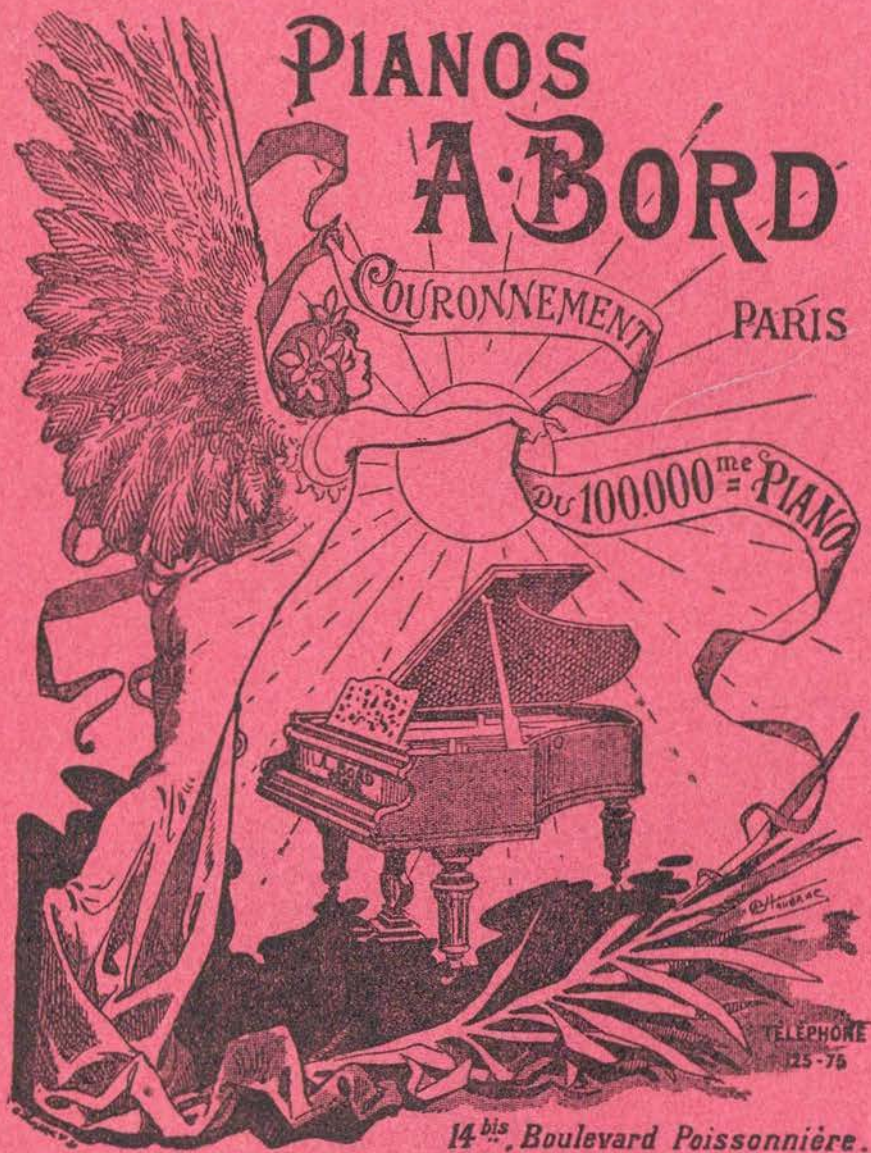
FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos
Produção até hoje 113:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua da Gloria, 51, 1.º, D.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Salitre, 19, 1.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia, M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA